A situação geográfica da primeira democracia racial no futebol brasileiro: o caso da Associação Atlética Ponte Preta

DOI: 10.54446/bcg.v2i1.49

Igor Cauê Oliveira Vieira de Oliveira Pinto[1], *Renan Pessina Gonçalves de Lima*[2]

Resumo

Este estudo se propôs a discutir o surgimento da Associação Atlética Ponte Preta, o primeiro clube do futebol brasileiro a contar com um jogador e dirigente negro, a partir da proposta de análise da situação geográfica. O estudo indicou que, a constituição dos clubes de futebol no território paulista carrega a especificidade de seu lugar de origem, em outras palavras, o lugar (e sua historicidade) desempenharam papel fundamental para a caracterização identitária de cada clube, assim como no caso do surgimento da Associação Atlética Ponte Preta no município campineiro – um baluarte do sistema escravocrata.

PALAVRAS-CHAVE: geografia, esporte, evento, raça, Campinas.

1 Graduado em geografia pela Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) onde atualmente realiza estudos de mestrado também em geografia. E-mail: igor.caue.geo@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0001-5038-8304.

2 Graduando em geografia pela Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) e bolsista de iniciação científica da FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo). E-mail: renanpessina@hotmail.com. ORCID: http://lattes.cnpq.br/0596899301132174.

Introdução

O futebol, em um pouco mais de um século de existência, tornou-se o esporte mais popular e praticado no mundo (FILHO, 2019), explicitando um idioma de prática singular ao abranger as mais variadas classes sociais nos quatro cantos do globo que, através de seu sucesso, conferiu poder político e econômico aos principais atores atuantes na modalidade. A FIFA (Federação Internacional de Futebol) e a CBF (Confederação Brasileira de Futebol), entidades responsáveis pelo esporte em nível mundial e nacional, respectivamente, representam a materialização do poder mercadológico adquirido pelo esporte ao longo de sua história, no qual exercem atuação política[3], econômica e social equiparadas a atuação de entidades religiosas ou até mesmo de nações.

No Brasil, assim como no contexto dos países sul-americanos, o futebol apresenta-se como componente do cotidiano cultural da sociedade, equiparando-se a seriedade das discussões políticas e religiosa, expressando o êxito na disseminação interna da modalidade esportiva desde a sua primeira aparição de forma elitista ao final do século XIX, para posteriormente alcançar as demais classes da sociedade. Pode-se afirmar que atualmente se apresenta como constituição da identidade nacional, tamanha importância da modalidade para as pessoas (DUNNING. 1992).

Para o governo brasileiro, a modalidade despontou como um segmento de *Soft Power* (GUIMARÃES; AMAZARRAY, 2011) no cenário internacional devido à notoriedade esportiva alcançada pela seleção masculina[4] de futebol durante o século XX. A camisa amarelo-canário é reconhecida e utilizada nas regiões mais remotas do globo, sendo possivelmente a camisa mais preponderante nos cenários políticos esportivos mundiais graças a "heróis mortais" imortalizados, como Pelé, Garrincha, Romário, Ronaldo, Didi, entre outros atletas que contribuíram de maneira direta e indireta para anexar as cinco estrelas ao escudo da CBF em referência aos títulos conquistados de Copa do Mundo.

A historicidade futebolística brasileira carrega a herança do consagrado estilo habilidoso, alegre e irreverente (MOSTARO, 2014), acompanhando a disseminação interna da modalidade no território, desde sua elitização com consequente tentativa segregacionista social e racial da prática, até a sua coroação como esporte de maior popularidade. O processo de disseminação da modalidade no país reflete as profundas problemáticas da gênese social brasileira que perduram até os dias atuais, tanto no esporte quanto na sociedade, destacando-se questões como racismo,

3 A exemplo, há relatos sobre supostas interrupções momentâneas de guerras em decorrência da prática esportiva, como nos casos do Santos de Pelé em 1969 interrompendo as guerras no Congo e Nigéria durante expedição ao continente africano (SANTOS, 2021) e ao Jogo da Paz da seleção brasileira de futebol no Haiti no ano de 2004 (CBF, 2015).

4 A afirmativa especificando a seleção brasileira de futebol masculino decorre da histórica falta de incentivo a prática feminina. No Brasil a prática feminina foi proibida por lei até o ano de até o ano de 1979.

machismo, falta de representatividade em determinados espaços e cargos e/ou na tentativa de supressão da identidade racial e sexual dos atletas.

Resgatar e discutir a inserção do negro no futebol trata-se do movimento de olhar e aprender com o passado valorizando a luta e conquistas de indivíduos e grupos, ação fundamental para o trabalho de equidade racial na modalidade e na sociedade. Desse modo, apresentaremos o estudo de caso da Associação Atlética Ponte Preta (AAPP), o primeiro clube a abrigar negros em sua diretoria e em seu plantel de jogadores, além de ser o clube mais antigo do país com atividades interruptas (PONTE PRETA, 2020b).

Assim, pretendemos discutir a partir da análise situacional geográfica (SILVEIRA, 1999) os condicionantes que levaram o município de Campinas, situado no interior do estado de São Paulo, a se tornar o berço da "primeira democracia racial do futebol brasileiro", compreendendo-a como um evento geográfico (SANTOS, 2020a) e reafirmando a especificidade do lugar. Para tal estruturamos o artigo do seguinte modo: (1) a trilha do futebol, analisando a situação histórica de inserção do futebol no Brasil a partir de São Paulo; (2) Campinas do século XVIII/XIX – o sítio da fundação, discutindo a caracterização do espaço campineiro no período; e (3) a historicidade da Associação Atlética Ponte Preta, onde apresentamos o surgimento da Associação Atlética Ponte Preta nesse lugar.

A trilha do futebol

Existem diversas versões acerca do local inserção do futebol no Brasil, modalidade esportiva de origem inglesa. Entretanto, a versão registrada e mais aceita remete ao ano 1895 na cidade de São Paulo por meio de Charles Miller. Outra versão remete o pioneirismo ao inglês Oscar Cox no ano de 1897, na cidade do Rio de Janeiro. Contudo, no período, apesar da importância da cidade do Rio de Janeiro se dar pelo fato de ser a Capital Federal, pesa a favor da versão paulistana o fato da cidade apresentar-se como "locomotiva nacional" (MASCARENHAS, 2009, p. 4) ao ditar as diretrizes econômicas nacionais, abrigando as principais indústrias da época, muitos de capital estrangeiro, tornando a cidade propicia a receber novidades estrangeiras. Assim, o espaço urbano paulistano apresentava em sua delimitação processos contidos em sua estrutura, abrangendo consequentemente suas formas e funções, configurando-o apto a receber as novidades no período, inclusive a prática futebolística (MASCARENHAS, 2009; SANTOS, 2020b).

O contexto político e social brasileiro no período da introdução da modalidade esportiva no final do século XIX é marcado pela inserção brasileira no capitalismo com intenso desenvolvimento econômico a partir do investimento europeu. Soma-se a este contexto a vivência de uma expansão urbana e industrial proporcionada pela até então recente abolição da escravatura aliada à política de incentivo a imigração europeia, conferindo um quadro de profundas transformações políticas, econômicas e sociais em distintas escalas, mas com destaque ao âmbito paulista (BARJUD, 2008).

O período de transformações no território paulista tem como simbolismo as estradas de ferro em expansão, principal e mais moderno modal logístico do período que ligava as principais cidades do estado, responsável pelo transporte de pessoas e principalmente do escoamento da produção paulista. Assim, as ferrovias desempenharam o valoroso papel de disseminação da modalidade, bem como de outros costumes no interior do estado (ALMEIDA, 2017).

Mapa 1. Mapa dos clubes de futebol em atividade no estado de São Paulo, fundados no período de 1895 à 1914.



Fonte: Elaboração dos autores.

O futebol é parte da cultura urbana industrial e a instalação da ferrovia no interior paulista fez com que por onde os trilhos passaram acabaram-se formando cidades e clubes de futebol (ALMEIDA, 2017). O mapa (Mapa 1) apresentando os clubes fundados durante as duas primeiras décadas do futebol no Brasil que se mantém em atividade1 (com seus respectivos anos de fundação), explicita a expansão da prática do futebol no território paulista através da extensão da malha ferroviária, partindo do litoral (porto de Santos) e adentrando no território em direção ao oeste – acompanhando a rede urbana em formação do estado. A prática disseminou-se especialmente a partir dos engenheiros e técnicos ingleses das empresas ligadas as ferrovias (FILHO, 2010), servindo como embaixadores da modalidade esportiva em terras brasileiras. Desta maneira, ao longo das linhas férreas propiciadas pelo capital econômico proveniente da herança escravocrata em conjunto ao investimento estrangeiro, o futebol disseminou-se, bem como conquistou cada vez mais adeptos.

Os clubes até então recém-criados expressavam a historicidade dos indivíduos constituintes do espaço da localidade de sua fundação, sejam estes ex-escravizados,

imigrantes ou seus descendentes, assim como proletariados das mais diversas funções. O espaço apresenta-se elemento fundamental na composição dos aspectos definidores dos clubes ao considerar que os mesmos só existem pelos condicionantes da situação geográfica. Para compreender esse conceito, resgatamos Silveira (1999), compreendendo como situação geográfica a análise da ocorrência dos eventos (dotados de ações técnicas e formas de organização) sobre determinado lugar, sobretudo compreendendo determinadas situações a partir de seus "objetos técnicos, ações, normas, agentes, escalas, ideologias, discursos, imagens, que são diversos no processo histórico e nos lugares. (SILVEIRA, 1999, p. 26).

Deste modo, adentramos na proposta analítica sobre a AAPP do presente artigo, o clube mais antigo do Brasil com atividades interruptas e, de acordo com o próprio clube, que se reclama como "a primeira democracia racial no futebol" (PONTE PRETA, 2020b). A segunda afirmação servirá como recorte analítico para a situação geográfica acerca dos fatores que resultaram na primeira democracia racial no futebol.

Campinas do século XVIII/XIX – o sítio da fundação

A situação da fundação da primeira democracia racial no futebol brasileiro teve como sítio o município de Campinas, a cidade considerada baluarte do sistema escravocrata. A importância do município no cenário econômico paulista e a necessidade de escoamento da produção, inicialmente pela dinâmica da cana-de-açúcar e, em seguida, pelo café, tornaram-no apto a receber as modernidades do período, a exemplo da linha ferra.

O município foi contemplado com a linha férrea no ano de 1872 (CAMPINAS, 2006). No ano 1875, a Ferrovia Mogiana é inaugurada em Campinas, esta que se aproveita dos Caminhos dos Goiases para se estabelecer, tomando posteriormente a nomenclatura de Sorocabana (ZAMBELLO, 2003). A ferrovia proporcionou mudanças significativas nos aspectos urbanos do município de Campinas, tornando o deslocamento mais dinâmico e consequentemente favorecendo novas trocas. Conforme Zambello (2003, p. 55), "a maior parte dos caminhos tomados pelas estradas de ferro campineiras a partir da década de 1890, foi feita com a finalidade de atender o "despacho" do café de uma determinada localidade, de onde haveria garantia de lucros".

Contudo, o aumento da fluidez proporcionada pela linha férrea somente aumentou a necessidade da mão-de-obra escravizada em um período marcado pela proibição do tráfico negreiro, gerando o aumento nos preços dos escravizados (CANO, 1985; CAMPINAS, 2006). Conforme histórico oficial no Plano Diretor municipal (CAMPINAS, 2006, p. 7),

> Campinas expande-se com escravos no exato momento da desescravização do Império. A população cativa de Campinas crescerá em 30% de 1854 a 1886. O município vai guardar a mais alta proporção entre livres e escravos no universo paulista, pois, em

> pleno momento de desescravização do País, 50% da população local era cativa (em 1872, cerca de 15 mil escravos), sendo também Campinas, em termos numéricos, o maior município escravista da principal área produtiva do país. (...) Assim, quem recebeu de um jornal abolicionista a alcunha de "capital da escravaria" foi Campinas. Mais: o município foi o maior mercado comprador e distribuidor de escravos da província paulista, e constituiu-se também numa sede da repressão armada aos escravos da região de Campinas.

Campinas possuía desde o Século XVIII um grande contingente de negros trazidos como escravizados, muito relevante para a região, e a causa desta vinda foi a produção da cana-de-açúcar. Essa produção foi fundamental para introduzir uma dinâmica econômica em Campinas pela acumulação do capital, bem como foi a partir desta produção que houve o incremento do trabalho escravizado na região (SEMEGHINI, 1992). Segundo o Censo de 1872 (Tabela 1), primeiro censo brasileiro e realizado anos antes da fundação do clube, o município abrigava a maior população escravizada do estado de São Paulo, cerca de 13.500 indivíduos, passando apara aproximadamente 20 mil negros e mulatos no final da década (BERJUD, 2008).

Tabela 1. Os 10 municípios com mais escravizados no Censo de 1872

Municípios	Escravizados	% em relação a Pop. Total	População Total
Campinas	13685	44%	31397
Bananal	8281	53%	15606
Piracicaba	5142	33%	15753
Mogi-Mirim	5006	23%	21468
Guaratinguetá	4352	21%	20837
Rio Claro	3935	26%	15035
São Paulo	3828	12%	31385
Pindamonhangaba	3718	25%	14636
Taubaté	3708	20%	18933
Itú	3498	32%	10821

Fonte: BASSANEZI e FONSECHI (1998).

Partindo de Campinas como um município que seguia na contramão ao fim regime escravista, considerado como baluarte da escravidão no território paulista, surge nesta mesma localidade um time de futebol que tem em sua história um negro em sua composição desde o primeiro dia de existência, lá no ano de 1900. Conforme Anjos,

> A introdução do futebol em Campinas pode ser identificada por três caminhos: o primeiro, o das ferrovias e seus funcionários estrangeiros e brasileiros; o segundo, nos estabelecimentos de ensino (colégios); e o terceiro com a influência das colônias de imigrantes europeus, destacando-se os alemães. A fundação da Ponte Preta, em 11 de agosto de 1900, deu-se em homenagem ao

> nascimento da ferrovia; a ponte preta dá nome ao bairro e o clube recebeu esse nome, com formação operária e de trabalhadores, não restringindo a participação étnica (ANJOS, 2014, p. 71-72).

Assim, tendo o espaço como elemento fundamental na composição dos aspectos definidores dos clubes ao considerar que os mesmos só existem pela convergência de eventos (SILVEIRA, 1999) presentes naquela determinada localidade, ou seja, a situação geográfica. Dentro das categorias de análise proposta por Santos (2020b)[5], o surgimento do clube respeita as formas (a estruturação urbana e econômica do município) funções (as ações políticas históricas e do período, do espaço campineiro) e estruturas (organização e dinâmica social). A partir do exposto, propomos considerar como premissa principal a questão espacial campineira para a condição de surgimento da AAPP, local de convergência de fatores históricos e econômicos resultantes no evento que é o primeiro clube a contar com negros em sua diretoria e plantel de jogadores.

A historicidade da Associação Atlética Ponte Preta

A Associação Atlética Ponte Preta foi fundada no dia 11 de agosto de 1900 no município de Campinas, interior paulista, e é o time de futebol mais antigo do Brasil com atividades ininterruptas (SANTOS NETO, 2000). Este time de futebol foi criado e adotou o nome de seu bairro, o bairro da Ponte Preta, graças a uma ponte de madeira criada pela ferrovia, e que para ser mais bem preservada se utilizava de piche na ponte, deixando-a com a cor preta (PONTE PRETA, 2020a).

Os alunos de uma escola existente até hoje na cidade, o Colégio Culto à Ciência, que em suas tardes passavam jogando bola em campos de futebol, decidiram criar um time, surgindo então a Associação Atlética Ponte Preta (PONTE PRETA, 2020a). Há uma falta de bibliografia acadêmica e dos jornais do início do século passado sobre o assunto, como aponta também Barjud (2008), e essa versão da história é a mais aceita, apresentada tanto o site oficial da Ponte Preta como o da Federação Paulista de Futebol (FPF), entidade máxima do futebol no estado de São Paulo.

O historiador da PUC-Campinas professor José Moraes Santos Neto (2014), em uma de suas entrevistas a importantes veículos de impressa aponta que o bairro da Ponte Preta era um bairro de operários (essencialmente da ferrovia) e artesões. Ainda para o historiador, o trilho do trem dividia ao meio a vila exatamente no local em que se separava as classes mais abastadas (o centro) da vila dos operários (o bairro da Ponte Preta). Porém, essa separação classista não atingiu o clube Ponte Preta, pois de acordo com Santos Neto (2014), os praticantes de futebol em sua maioria em Campinas eram negros e trabalhadores braçais, pela mistura proporcionada devido aos diferentes aspectos sociais e culturais dos trabalhadores da ferrovia, no qual estrangeiros que vieram a trabalhar na ferrovia campineira se juntava aos operários para jogar uma partida de futebol.

5 Forma, função, estrutura e processo.

Conforme Santos Neto (2014), dentre seus fundadores em 11 de agosto de 1900 "já existiam mulatos" (termo utilizado por ele), como Benedito Aranha, que fez parte da primeira diretoria do clube (PONTE PRETA, 2020b). E o Miguel "Migué" do Carmo, foi o primeiro jogador negro da alvinegra campineira, ainda em seu ano de fundação, em 1900 (SANTOS NETO, 2000). O próprio Miguel do Carmo, segundo Santos Neto em entrevista Folha de São Paulo (2020), era funcionário da ferrovia:

> Miguel do Carmo era um ferroviário, fiscal de linha, participante da fundação da Ponte como uma democracia racial pela visão política e social dos moradores do bairro de Morrinhos, funcionários de ideologia anarquista que tinham sentimento de pertencimento àquela região.

Anjos (2014), ao tomar como tema de pesquisa a história da Ponte Preta e do XV de Piracicaba, percebe que não só eles, mas a maioria dos clubes do interior paulista tem sua relação com estratos mais "populares" – e, para o autor, o termo "popular" empregado seria sinônimo de "rebeldes", pois estas pessoas seriam aquelas que vieram a fundar os clubes e/ou associações (ANJOS, 2014, p. 64). Para o autor, esse "popular" do interior paulista era "constituído por pessoas pertencentes às diversas classes trabalhadoras, fundaram clubes associativos, tendo entre características o lazer de final de semana e a prática do esporte, preferencialmente, o futebol".

A Ponte Preta, portanto, passa a ter um vínculo com camadas mais populares, moradores de diversas nacionalidades que vieram para trabalhar nas produções de café e trabalhadores da ferrovia (BARJUD, 2008). Isso fez com que muitos clubes não quisessem jogar contra o time "pontepretano", que era boicotado de campeonatos e outros mais problemas de uma sociedade que acabava de sair de um regime de escravista, e tinham (tem) o preconceito arraigado em suas estruturas, ainda mais forte naquela época (ANJOS, 2014). Vale ressaltar que tal fato não foi exclusivo com a Ponte Preta, aconteceu também com os times do Rio de Janeiro, como Vasco da Gama e o Bangu, que também foram pioneiros na escalação de negros em partidas oficiais de futebol, como demonstra Rosenfeld (1993), no entanto, ocorreu anos após a fundação da Ponte Preta. Fato que leva o clube de Campinas a se assumir com o título de a primeira democracia racial do futebol brasileiro.

A noção de "democracia racial no futebol" pleiteada pela Ponte Preta se refere a como o próprio clube não apenas assume, mas revoga a ela perante autoridades futebolísticas, para seus dirigentes a "democracia racial no futebol" seria constituída pela inclusão de jogadores e dirigentes negros ao esporte. A agremiação, chamada de "Macaca Querida" – hoje, como sinônimo do carinho do torcedor pelo clube do coração – foi uma expressão primeiramente colocada de forma racista por adversários, segundo o clube:

> A Ponte Preta inclusive já requisitou junto à Fifa o reconhecimento internacional por ter sido o primeiro time de futebol do mundo a

> aplicar o conceito de democracia racial. Mais ainda, a Ponte abraçou esta democracia em suas mais profundas raízes, a ponto de ter transformado preconceito em honra. A torcida do clube sempre foi animada e acompanhava o time em todos os jogos do interior do Estado de São Paulo. Por ter na torcida uma base popular e operária e por ter muitos negros tanto em campo quanto fora dele torcendo pelo sucesso do time, muitas vezes o time era recebido nos estádios adversários de maneira hostil (...) os rivais falavam que a torcida era formada por "macacos", que o time era uma "macacada"(...). Em vez de brigar, a torcida transformou a hostilidade e assumiu o apelido: a Ponte tem orgulho desde sempre de ser a Macaca (PONTE PRETA, 2020b).

Volta-se a notar a escassez de bibliografia acadêmica que aborde essa história do pioneirismo da inserção de negros ao esporte pela AAPP. Fica evidente um olhar hegemônico dos autores mais renomados sobre o assunto de notar esse fenômeno dando ênfase para a até então capital política do Estado brasileiro, o município do Rio de Janeiro, ignorando o clube do interior paulista.

O próprio jornalista Mário Filho, autor do livro "O negro no futebol brasileiro" – que, inclusive, empresta seu nome ao estádio do Maracanã – um dos grandes personagens do esporte não chega a comentar sobre a AAPP e nem sobre Miguel do Carmo, jogador negro que estava na fundação do clube de Campinas. O geógrafo Mascarenhas (2009), ao debater sobre como o futebol se difundiu primeiro em São Paulo, e sua relação com a classe operária e a várzea, também acaba não mencionando a Ponte Preta como time mais antigo do Brasil com atividade ininterruptas e sua relação com a ferrovia, o negro e classe operária.

O caráter popular da torcida pontepretana se evidencia em 1948, ano de construção de seu estádio. Araújo (2020) resgata a escassez e a construção coletiva – em primeiro lugar, a necessidade de um terreno para erguer o campo; depois, tijolos e materiais de construção; e, por fim, o trabalho em si de construção: esses foram três fatores fundamentais foram alcançados por meio de doações e voluntariado de torcedores do clube. O Estádio Moises Lucarelli leva o nome do antigo proprietário do terreno - que fez a doação integral da propriedade ao clube - onde hoje localiza-se o estádio e as dependências administrativa, e é um retrato desse coletivismo que está na identidade histórica do clube.

Considerações finais

A prática futebolística no Brasil disseminou-se rapidamente no território através das ferrovias paulistas, conferindo a modalidade aspectos positivos e negativos presentes na gênese da nação brasileira. Ao longo da malha ferroviária, os clubes foram sendo criados, dotados das características presentes no seu espaço de formação, envolvendo sua historicidade econômica, social e política, assim, podemos considerar a existência dos clubes como resultado da convergência de eventos em determinada localidade.

O presente artigo buscou discutir a existência da AAPP, que se reclama como a "primeira democracia racial do futebol", a partir da situação geográfica do espaço campineiro, município baluarte do regime escravista, apresentando elevada população negra no final do século XIX, período de criação do clube, aliado a questões econômicas e políticas de sua importância no cenário paulista. A AAPP carrega essa historicidade vinculada diretamente ao espaço que foi concebida, clube de origem operária, com forte ligação a população negra e periférica do município de Campinas. Destacamos, neste texto, a escassez de materiais acadêmicos sobre o tema central do artigo, essencialmente sobre a história da Ponte Preta e seu pioneirismo na inserção de negros nos seus times e diretorias.

Este trabalho buscou trazer uma singela contribuição geográfica ao tema, evidenciando a relação dos condicionantes da situação geográfica de Campinas para esse pioneirismo racial da Ponte Preta.

Bibliografia

ANJOS, José Luiz dos. O "popular" no futebol do interior de São Paulo. *Revista Conexões*: Campinas, v. 2, n. 2, p.60-74, 2014.

ARAUJO, Lucas Giachetto de. Ponte Preta de paz, Ponte Preta de guerra: o clube do povo, pelo povo. *Ludopédio*, São Paulo, v. 134, n. 26, 2020.

BARJUD, Renan Almeida. *Raça em jogo: o negro no futebol campineiro no início do século XX*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)- Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

BASSANEZI, Maria Silva C. Beozzo; FONSECHI, Gislaine Aparecida (org.). *São Paulo do Passado: dados demográficos*. Dados Demográficos. 1992. 1872 - III Anexo. Disponível em: <http://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/censos/1872.pdf>. Acesso em: 20 maio 2021.

CAMPINAS. *Plano Diretor de Campinas, Formação histórica de Campinas: Breve panorama*, Prefeitura Municipal de Campinas, 2006.

CANO, W. Padrões Diferenciados das Principais Regiões Cafeeiras. *Revista Estudos Econômicos*. São Paulo, 15(2): 291-306. mai/ago, 1985, IPE/USP.

DUNNING, E. A dinâmica do desporto moderno: notas sobre a luta pelos resultados e o significado social do desporto. In: ELIAS, N. e DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: DIFEL, 1992.

FILHO, Mauro. *O Negro no Futebol Brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

FILHO, Raul Milliet. Por que o futebol é o esporte mais popular do mundo?. Ludopédio, São Paulo, v. 123, n. 3, 2019.

FORTUNATO, Gracielly. *Industrialização de Juiz de Fora e Campinas: uma análise entre os anos 1850 – 1930*. Trabalho de Conclusão de Curso - Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018.

GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra*. Porto Alegre: L&pm, 2019.

GODOY, João Miguel Teixeira de; BARONI, Gabriel Vinicius. História fabricada: controvérsias em torno da fundação da cidade de Campinas. Revista de História Regional, v. 16, n. 1, 2011.

GUIMARÃES, Bruno Gomes; AMAZARRAY, Igor. O exercício do soft power: futebol e o caso brasileiro. *Revista InterAção*, v. 2, n. 2, p. 143-160, 2011.

LAPA, José Roberto do Amaral. A *cidade: os cantos e os antros*: Campinas 1850-1900. São Paulo: Edusp, 1996.

MASCARENHAS DE JESUS, Gilmar. Várzeas, operários e futebol: uma outra geografia. *GEOgraphia*, v. 4, n. 8, p. 84-92, 2009.

MOSTARO, Filipe Fernandes Ribeiro. *Futebol, Identidade Nacional e Construções Midiáticas: o futebol-arte na imprensa nacional quando vence e quando perde*. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). FCS/UERJ. Rio de Janeiro: UERJ, 2014.

O dia em que a guerra parou. *Santos*, 2021. Disponível em: https://www.santosfc.com.br/o-dia-em-que-a-guerra-parou/. Acesso em: 5 de mai. de 2021.

PÉCORA , André ; CAMPINEIRO, Stephan. *Ponte Preta: A torcida que tem um time*. Campinas, SP: Pontes, 2010.

PONTE PRETA, ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA PONTE. *Ponte Preta, o primeiro time do Brasil*. Disponível em <https://pontepreta.com.br/o-clube/historia>. Acesso em 24 de setembro de 2020a.

PONTE PRETA, ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA PONTE. *Dia da Consciência Negra: Ponte Preta é a primeira democracia racial no futebol do Brasil*. Disponível em <https://pontepreta.com.br/noticias-detalhe/dia-da-consciencia-negra-ponte-primeira—democracia-racial-do-brasil>. Acesso em 24 de setembro de 2020b.

ROSENFELD, Anatol. Negro, macumba e futebol. São Paulo: Perspectiva, 1993.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: razão e emoção, técnica e tempo*. São Paulo: Edusp, 2020a.

SANTOS, Milton. *Espaço e Método*. São Paulo: Edusp, 2020b.

SANTOS NETO, José Moraes. *O início de uma paixão: A fundação e os primeiros anos da Associação Atlética Ponte Preta*. Campinas: Komedi, 2000.

SANTOS NETO, José Moraes. Miguel do Carmo o primeiro jogadore negro do futebol nacional. *Lance*! Meio digital, Agosto de 2014. Disponível em: <https://www.lance.com.br/ponte-preta/Racismo-negro-Miguel_do_Carmo-Ponte_Preta_0_455354619.html>. Acesso em: 10 de março de 2021.

SANTOS NETO, José Moraes. Historiador quer provar que Ponte Preta teve 1º jogador negro do Brasil. [Entrevista cedida a] Alex Sabino. *Folha de São Paulo*, meio digital, 28.dez.2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2020/12/historiador-quer-provar-que-ponte-preta-teve-1o-jogador-negro-do-brasil.shtml>. Acesso em 10 de Março de 2021.

Seleção Brasileira faz o Jogo da Paz no Haiti. *CBF*, 2015. Disponível em: <https://www.santosfc.com.br/o-dia-em-que-a-guerra-parou/>. Acesso em: 5 de mai. de 2021.

SEMEGHINI, U. C. *Do Café à Indústria: uma cidade e seu tempo*. Campinas: Editora da Unicamp 1992.

SILVEIRA, Maria Laura. Uma Situação Geográfica: do Método a Meotodologiaia. *Território*, v. 6, n. 4, p. 21-28, jan. 1999.

TRUZZI, O. *Café e indústria. São Carlos: 1850-1950*. São Carlos: Arquivo de História Contemporânea, UFSCar, 1986.

ZAMBELLO, M. H. *Ferrovia e Memória: estudo sobre a vida social e o trabalho dos antigos ferroviários da Vila Industrial de Campinas*. Dissertação de Mestrado em Sociologia, Universidade de São Paulo (USP), 2003.

Agradecimentos

Gostaríamos de agradecer o Prof. Dr. Vicente Eudes Lemos, professor e pesquisador do Instituto de Geociência da UNICAMP, que atuou quase que como um orientador deste artigo, sempre nos auxiliando com muito carinho, atenção e muito conhecimento, essas três características que são muito conhecidas de todos seus alunos e amigos. Agradecemos também a página do Instagram Museu da Macaca (@museudamacaca), que diante do fato supracitado no texto, de grande dificuldade de encontrar bibliográfica sobre a história da Ponte Preta e do Negro no futebol campineiro, o(s) administrador(es) desta página, foram muito solícitos conosco e compartilharam grande acervo bibliográfico sobre os temas, que foi fundamental para a construção deste artigo. Quem se interessou pelo tema, recomendamos fortemente seguir e acompanhar o conteúdo desta página no Instagram.

The geographical situation of the first racial democracy in brazilian football: the case of the Ponte Preta Athletic Association

In this paper, we discuss the emergence of the Ponte Preta Athletic Association, the first Brazilian football club to have a black player and manager, based on the proposal to analyze the geographical situation. The study indicated that the constitution of soccer clubs in São Paulo carries the specificity of their place of origin, in other words, the place (and its historicity) played a fundamental role for the identity characterization of each club, as well as in the case of the emergence of the Ponte Preta Athletic Association in the peasant municipality, which was a bulwark of the slave system.

KEYWORDS: geography, sport, event, race, Campinas.

La situación geográfica de la primera democracia racial en el fútbol brasileño: el caso de la Asociación Atlética Ponte Preta

Este estudio tuvo como objetivo discutir el surgimiento de la Asociación Atlética Ponte Preta, el primer club de fútbol brasileño en tener un jugador y gerente negro, basado en la propuesta de analizar la situación geográfica. El estudio indicó que la constitución de los clubes de fútbol en São Paulo conlleva la especificidad de su lugar de origen, en otras palabras, el lugar (y su historicidad) jugó un papel fundamental para la caracterización idental de cada club, así como en el caso del surgimiento de la Asociación Atlética Ponte Preta en el municipio campesino – un baluarte del sistema esclavista.

PALABRAS CLAVE: geografía, deporte, evento, raza, Campinas.

Artigo recebido em agosto de 2021. Aprovado em novembro de 2021.